

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 5, N. 1, ano 2013 - Volume Temático: *Gêneros Textuais e Estratégias de Textualização*

REFERENCIAÇÃO NA PROSA ESCOLAR DE ALUNOS DE 6º ANO

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo (UNIFAP)

Flávia Cristina Candido de Oliveira (Protexoto/ UFC)

Mônica Magalhães Cavalcante (Protexoto/ UFC)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar como os alunos usam, na modalidade escrita, o processo de referenciação e definitude. O corpus consiste em uma amostra de dez (10) produções textuais do gênero relato de experiência, de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de duas escolas municipais de Fortaleza. Nossa proposta é analisar a categorização referencial dos artigos definidos e indefinidos presentes nas construções de textos escritos, de acordo com Koch (2003), e algumas considerações de Givón (2001). Os dados demonstram que os alunos usam essa categoria definitude em sua forma mais elementar salvo alguns casos.

Palavras-chave: Referenciação, Definitude, Prosa escolar.

ABSTRACT

This research aims to show how students use the reference process and definiteness in the writing. The corpus consists of a sample of ten (10) text productions of experience report genre of the 6th year elementary school students from two public schools in Fortaleza, Brazil. Our proposal is to analyze the referential categorization of definite and indefinite articles in the constructions of written texts, according to Koch (2003) and some considerations by Givón (2001). The data show that students use the definiteness category in its most basic form except in some cases.

Keywords: Referenciation, Definiteness, School writing.

1 INTRODUÇÃO

A montagem da rede referencial do texto não se reduz à construção e à identificação de objetos da realidade, muito menos à simples “substituição” de uma forma referencial por outra, como muitas vezes se tem sugerido. A referenciação é um processo textual-discursivo que permite a construção da coerência textual, sendo de extrema importância para a sistematização de um trabalho de produção textual no ensino da Educação Básica. Concomitante a isso, inserimos nesta pesquisa o estudo da definitude, especificamente, no artigo definido e indefinido, de forma a analisá-la em produções textuais de alunos de 6º ano do Fundamental que produziram o gênero relato de experiência.

Além disso, propomo-nos fazer uma aproximação do Funcionalismo Givoniano e da Linguística Textual para a categoria analisada, tendo em vista os autores darem sua contribuição no processo de referenciação, objeto de análise nesta pesquisa, no sentido de verificar de que forma esse conhecimento, que envolve duas vertentes de estudo, favorece o ensino dessa categoria para melhoria da produção textual de alunos. Para isso, consideramos o contexto da enunciação e o conhecimento partilhado ao invés de nos determos apenas em regras fixas ou convencionais do sistema linguístico voltado para o ensino de língua materna.

Neste artigo, pretendemos demonstrar como os alunos usam, na modalidade escrita da língua, o processo de referenciação e definitude. Para isso, discutimos, na primeira parte, alguns conceitos das categorias analisadas no *corpus* composto de dez (10) produções textuais em que identificamos o fenômeno e encerramos com as considerações finais de nosso estudo. Não pretendemos fazer um estudo exaustivo acerca do assunto, mas tratar do fenômeno de forma a possibilitar um olhar diferenciado no ensino da elaboração de textos escolares quanto ao uso de artigos definidos e indefinidos, bem como sua importância na coerência textual.

2 REFERENCIAÇÃO

Segundo Cavalcante (2011), a referenciação diz respeito a um processo textual-discursivo em que os participantes (re) constroem a coerência textual nas práticas comunicativas. De natureza pragmático-discursiva na Linguística Textual, a noção de referenciação não exige, necessariamente, a construção de um referente que seja explicitado por uma expressão referencial. Assim, a definição de referente consiste em “entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais.” (CAVALCANTE, 2011, p. 15). Além disso, os referentes são também definidos como categorias cognitivo-discursivas e, por sua natureza mental, podem apresentar instabilidade inerente a eles.

Em Givón (2001), elucidando as operações cognitivas que fundamentam o uso de núcleos pronominais definidos na comunicação natural, devem-se invocar vários sistemas ancorados no ouvinte que transcendem o significado proposicional do falante, quer textualmente, quer cognitivamente, então, acaba por ser uma entidade mais pragmática que semântica.

Para Koch (2003, p. 79), “a referenciação constitui uma atividade discursiva [...] pressuposto esse que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem.” A autora também afirma

que é através de uma realidade construída, mantida e alterada não só pela forma que nomeamos o mundo, mas pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele, interpretando e construindo nosso mundo através da interação com o entorno físico, social e cultural. Esta autora acrescenta,

A referência passa a ser considerada como resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não objetos-do-mundo.

Há tipos distintos de processos referenciais tais como: introdução referencial, anáforas diretas, anáforas indiretas, anáforas encapsuladoras. Os dêiticos constituem-se em um fenômeno que pode ocorrer independente dos processos citados anteriormente. A dêixis é a faculdade que tem a linguagem de designar mostrando em vez de conceituar. A designação dêitica ou mostrativa figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico (CÂMARA JR, 1968). Sendo assim, neste processo, só podemos identificar a entidade a que uma pessoa se refere, se soubermos quem está enunciando a expressão dêitica, o local ou o tempo em que esse enunciador se encontra, por exemplo, na frase: “Fiado só amanhã”, há uma referência temporal de acordo com a situação proferida pelo falante.

Para os estudos funcionalistas, a referenciação, criada no discurso, é condicionada ao mundo de eventos e estados nele construído. Assim, esses estudos caracterizam-se em sintático-semânticos, porque, apesar de envolver interação e intenção, o universo construído no discurso depende de escolhas semânticas como o tipo modal e o valor aspectual dos tempos verbais.

Para Givón (2001, p. 438)

Na linguagem humana, ao que parece, a referência – denotação para Russell – não é um mapeamento de expressões referenciais linguísticas para indivíduos existentes no Mundo Real. Pelo contrário, é um mapeamento de expressões linguísticas para indivíduos estabelecidos verbalmente no Universo do Discurso.¹

Ainda segundo Givón (2001), cada Universo do Discurso é aberto, assim um falante particular pretende entidades para referir-se ou não, e isso se constitui na intenção referencial do falante que parece ser mais relevante para a gramática de referência na linguagem humana. Conforme podemos compreender, é a intenção do falante que determina a interpretação uma vez que a referência, para esse autor, é um empreendimento cripto-pragmático, ou seja, vai para fora dos limites da proposição.

Dessa forma, reforça a compreensão de que cada Universo do Discurso é aberto – estabelecido por um falante particular que então pretende entidades para referir ou não. E é esta a intenção referencial do falante que parece ser mais relevante para a gramática de referência na linguagem humana, segundo Givón (2001). Por exemplo, em:

- a. Ela está procurando por *um* cavalo; *ele* escapou na última sexta-feira.
- b. Ela está procurando por *um* cavalo; melhor que *ele* seja branco.

¹*In human language, it seems, reference – Russell’s denotation – is not a mapping from referring linguistics expressions to individuals existing in the RW. Rather, it is a mapping from linguistics expressions to individuals established verbally in the Universe of Discourse.* (Tradução sob nossa responsabilidade.)

No exemplo a, denota-se uma entidade conhecida no Universo do Discurso, o que não ocorre no exemplo b. Contudo, o uso do pronome “ele” como uma referência anafórica sinaliza uma denotação igual para ambos, tanto para um cavalo real como para um imaginário.

2.1 Definitude

Em uma perspectiva funcionalista, definitude é um assunto relativo à pragmática, porque se refere à avaliação do falante em relação ao estado atual de conhecimento do ouvinte em um determinado ponto da comunicação. Segundo Givón (2001, p. 459), “quando falantes marcam uma referência no discurso como definida, usando vários anafóricos e/ou dispositivos gramaticais definidos, visam a fundamentá-lo em alguma representação mental pré-existente na mente do ouvinte.”²

Esses dispositivos anafóricos e/ou definidos apresentam três tipos de estruturas mentais: modelo mental de situação discursiva em andamento compartilhado, modelo mental de conhecimento genérico-lexical permanente e modelo mental do texto em andamento. Falantes codificam um referente nominal como definido quando eles assumem que é identificável ou acessível ao ouvinte.

A definitude é, portanto, um assunto profundamente pragmático a partir da palavra, tendo a ver com a avaliação do falante em relação ao estado atual de conhecimento do ouvinte em um determinado ponto na comunicação.

Na Linguística Textual, uma situação de emprego de definido “é aquele em que o objeto designado entra em contraste com outro objeto, conforme a sequência: Um homem e uma mulher entram; a mulher trazia em seus braços um cachorrinho.” (APOTHÉLOZ e CHANET, 2003, p. 142). Classicamente se diz que o artigo indefinido vem no início do texto e o artigo definido seria derivado, porém não funciona bem assim.

O uso do artigo definido e indefinido segue algumas regras. Assim, em uma sequência de frases, um referente indefinido só pode ser retomado por um referente definido para manter a identidade referencial. Já no caso de um referente definido só pode ser retomado por outro referente definido.

Na análise textual, trata-se de um fenômeno tanto de representação extensional como de implicações lógicas. De acordo com Marcuschi (1983, p. 34), “como regra geral obtém-se: num texto, os NP³ com identidade referencial podem ser inicialmente ‘definidos’ ou ‘indefinidos’, mas a seguir devem ser definidos.” Vejamos alguns excertos de Marcuschi (1983, p. 34):

- a. O jovem cantou. Um jovem alegrou-se. (Não refere o mesmo.)
- b. Um jovem alegrou-se. O jovem cantou. (Refere o mesmo.)
- c. Um jovem cantou. Um jovem alegrou-se (Não refere o mesmo.)
- d. O jovem cantou. O jovem alegrou-se. (Refere o mesmo.)

² *When speakers mark a referent in discourse as definite, using various anaphoric and/or definite grammatical devices, they aim to ground it into some pre-existing mental representation in the hearer's mind.* (Tradução sob nossa responsabilidade.)

³ Compreendemos a sigla de origem inglesa como Sintagma Nominal.

Conforme Koch (2003), o artigo definido pode aparecer nos seguintes casos: 1. Presença no interior do Sintagma Nominal (SN) anafórico de adjunto adnominal ou complemento nominal que designa um dos actantes do processo; 2. Substantivos predicativos morfologicamente derivados de verbo que figuram na proposição nominalizada; 3. Nomes predicativos que designam um atributo da enunciação, ou seja, nominalizam um processo; 4. Casos em que o substantivo predicativo é um nome genérico, especialmente quando não seguido de uma expansão determinativa e se encontra em posição temática.

Quanto ao artigo indefinido, expressões nominais introduzidas por ele não são, normalmente, adequadas para retomadas de referentes já introduzidos no texto. São três os principais casos: 1. Quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado; 2. Quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado ou então, conscientemente, não se especificando o referente para criar um efeito de suspense; 3. Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva. Tomando por base esses casos especificados por Koch acerca do artigo definido e indefinido, nossa análise recairá sobre a definitude abordada pela Linguística Textual uma vez que pretendemos estudar o fenômeno à luz de autores dessa área de conhecimento.

2.2 Categorização

A categorização constitui-se de cada expressão referencial nominal, ou seja, o referente colocado em determinada categoria cognitivamente estabelecida. Apresenta-se como nome designador de ações, processo e estado, usado de forma remissiva no correr de um texto. Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995 apud Neves, 2011), categorização representa o ponto de vista do falante naquele determinado momento da construção do discurso. Observamos nos excertos retirados de Neves (2011, p. 102), a denominação detalhe, para um modo de vestir configurado no texto, e expediente, para um procedimento que se foi descrevendo como solucionador de um problema, nas passagens:

- Cid queimou demais o nariz. Vestiu uma camisa esporte, manga comprida, em pleno calor baiano, e deixou-a fora das calças (não estou interessada nele. Mas se estivesse, esse **detalhe** bastaria para liquidar o assunto. Deselegância num homem é pior que feiúra!). (CH)
- Apesar de a própria prefeitura local estar dando conta do trabalho de assistência aos desabrigados, a Coordenação de Defesa Civil – ligada à Secretaria Estadual de Trabalho e Bem-Estar – já contactou a base aérea de Salvador, no sentido desta ceder aviões para o envio de alimentos, agasalhos e remédios, caso necessário. Este **expediente** foi usado durante as enchentes do ano passado. (AP)

A nominalização⁴ é uma das formas significativas de categorizar, pois consiste em uma operação discursiva para referenciar, por meio de um sintagma nominal, um processo ou um estado anteriormente expresso por uma oração. Discute-se que esse processo por sua vez teria relação com a correferencialidade.

⁴Alguns autores traduzem por nomeação, uma vez que a expressão nominalização, segundo Cavalcante (2003), pode apresentar coincidência de termos com o fenômeno morfológico homônimo.

Na seção seguinte, apresentamos a análise das produções textuais quanto à referenciação e à definitude com base na Linguística Textual.

3 ANÁLISE DO *CORPUS*

O *corpus* é composto de quarenta (40) produções textuais de alunos do 6º ano do Fundamental II, de duas escolas municipais de Fortaleza, coletadas sem intervenção do pesquisador. O gênero textual, escolhido pelos professores regentes, foi o relato de experiência, porque os alunos já conheciam e estavam trabalhando no período da pesquisa. Nossa análise consiste em demonstrar como os alunos usam na modalidade escrita, o processo de referenciação e definitude. A proposta é analisar a categorização referencial dos artigos definidos e indefinidos presentes nas construções desses textos escritos. Assim, selecionamos uma amostra de cinco (05) textos de cada escola pesquisada a fim de analisarmos as categorias estabelecidas. Para isso, foram considerados os textos com exemplos mais relevantes para a pesquisa. Adotamos um código para cada produção que se inicia com a sigla PT (produção textual), seguida com as iniciais do nome das escolas pesquisadas e o número da produção conforme o exemplo a seguir (PTCCR01).

Vejamos o primeiro excerto de nossa análise:

(01)

O dia mais feliz da minha vida foi quando eu fui la para **a** cachueira e la eu tomei banho e quase ia morrendo afogada e a Viviane me salvou e eu estava morrendo de medo de ir para debaixo da cachueira, e perto da cachueira tinha **uma** corente, as meninas tava chamando de arastão. (PTCCR01)

Nesse excerto, identificamos as expressões “a cachoeira” e “uma corrente”, em nossa análise, observamos que o uso do artigo indefinido pode ser compreendido como o caso em que se nomeiam partes de um referente previamente mencionado. Na produção textual, ao tratar de uma corrente de água, utilizando o artigo indefinido, o aluno faz menção ao conhecimento, nomeando uma parte que se refere à expressão designada pré-existente mentalmente “cachoeira”.

(02)

Tava tam legal, e nós paramos um pouco para **a** cachueira e la tinha **umas** pedras bem grandonas la e, foi muito legal e nos tava tirando fotos. (PTCCR01)

Neste excerto, o referente é apresentado na produção textual como já conhecido “a cachoeira”, bem como se identifica o uso do artigo indefinido “umas pedras” com referência a existência de “pedras” não as contabilizando, mas caracterizando-as, de forma que o objeto é real, tem existência, sendo a referência apontada para a condição de indeterminação quantitativa e não de inexistência, assemelhando-se aos numerais indefinidos como alguns, uns etc.

(03)

[...] a madrinha do meu irmão a Sarliane disse para nós escolhemos **os** cavalos que nós queríamos meu irmão **o** Willame escolheu **um** burro eu escolhi **um** cavalo muito bonito meu pai escolheu **uma** egua e nois saímos ate o assude la Eu e o meu irmão ficamos tomando banho[...] (PTCCR02)

Já nesse excerto, apresenta-se como referente “os cavalos” e é mencionado como fazendo parte desse grupo de animais quadrúpedes e de montaria “um burro”, “um cavalo” e “uma égua” que se classificam como o caso de partes nomeadas de um referente previamente mencionado, sendo assim uma indeterminação quantitativa, pois se trata de dois animais, não havendo especificação de qual burro ou qual cavalo escolhido.

(04)

[...] foi **um** dia muito legal depois que eu joguei de bola com o meu colega agente brincou muito mas a professora mandou nós lancha o lanche foi muito bom eu gostei muito de ter ido a casa de praia[...] (PTCCR03)

(05)

[...] eu vi que foi **o** dia mais feliz da minha vida foi muito importante pra mim e pra todos os meus colegas [...] (PTCCR03)

Identificamos, nestes excertos, a forma mais clássica do uso do artigo. De acordo com Koch (2003), o artigo indefinido, aquele que vem no início do texto e, o artigo definido, aquele que vem *a posteriori* seria derivado do citado anteriormente, logo se faz conhecer qual o dia, por intermédio da situação proferida pelo enunciador. As expressões “um dia” e “o dia” exemplificam essa afirmação.

(06)

[...] sempre Eu vou gostar de ir pro passeio com todos **os** meus colegas e a minha professora os meus colegas também gostaram [...] (PTCCR03)

Conforme Marcuschi (1983), o excerto demonstra a presença do artigo definido, referindo-se a mesma expressão “os meus colegas”, situação muito presente em textos de autores não proficientes na modalidade escrita, revelando um todo, sem que nenhum colega fique de fora, pois se poderia mencionar apenas “meus colegas”, no entanto, nesta determinação, pode-se condicionar a generalização de todos os colegas.

(07)

Uma tarde muito divertida, eu estava com minhas amigas, fomos ao cinema, fizemos compras e conhecemos pessoas novas. Conhecemos **um grupo de amigos** que logo se apresentaram pra gente. (PTGB03)

No excerto, verificamos que o artigo indefinido acompanhado de um sintagma nominal retoma a expressão “pessoas novas”. Segundo Koch (2003), o artigo indefinido apresenta um caso de seleção de um referente no interior de um conjunto já mencionado. No excerto em análise, ocorreu o contrário, o artigo foi utilizado para informar o conjunto remetendo à expressão “pessoas novas”. No entanto, compreendemos que o uso não se afasta de todo o caso, porque a expressão “um grupo de amigos” designa de fato uma seleção, uma vez que é feita de um grupo maior (pessoas novas) para um grupo menor (um grupo de amigos).

(08)

Ai de pouquinho em pouquinho eu fui conhecendo **a galera** de lá, ai todos começaram a gostar de mim. Todos os dias eu descia lá pra fora porque **as** meninas iam implorar para eu descer. (PTGB04)

Nesse excerto, identificamos a expressão “a galera” que designaria os novos amigos do condomínio. O uso do artigo definido, nesta situação, remeteria ao caso da presença no interior do SN anafórico de um adjunto adnominal ou complemento nominal que designa um dos actantes do processo (mais frequentemente o objeto). No caso mencionado, o actante encontra-se na expressão “as meninas”, novamente identificamos o uso do artigo de maneira contrária ao caso, mas que na nossa compreensão favorece o uso do artigo definido. Além do mais, sintagmas nominais são mais comumente e/ou obrigatoriamente referentes, não apresentando contraste, pelo menos na linguagem humana, ao que parece, ‘definido’ pode ser apropriadamente visto como outras subespecificações de ‘referencial’.

(09)

Como foi lá, foi muito legal **a** torcida gritando Fortaleza Fortaleza

(10)

Tão engraçado **um** senhor de idade jogou **uma** latinha de coca-cola na minha cabeça[...]

O uso do artigo indefinido remete a explicação de Marcuschi (1983) que “num texto, os NP com identidade referencial podem ser inicialmente ‘definidos’ ou ‘indefinidos’, mas a seguir devem ser definidos.” No caso em análise o indefinido permanece em ambas as expressões porque não se refere à mesma expressão, evidentemente, e faz menção ao fato em si sem a preocupação de informar o autor da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dez (10) amostras de produções textuais analisadas demonstram que a construção do texto apresenta os artigos definidos e indefinidos em sua regra básica. Identificamos, em alguns excertos, casos elencados por Koch (2003). Entretanto, não houve casos, nos artigos definidos, de substantivos predicativos morfologicamente derivados de verbo; predicativos que designam um atributo da enunciação e casos em que o substantivo predicativo é um nome, como coisa, fato, evento, etc. Já para os indefinidos não foram constatados casos de expressão anafórica focalizada mais fortemente na informação veiculada, nem situações que não se especifica melhor o referente para criar um efeito de suspense.

Constatamos que as produções textuais, mesmo não sendo de autores proficientes na modalidade escrita da língua, apresentam exemplos que podem ser analisados para possíveis intervenções com atividades que se voltem à reflexão do uso dos artigos definidos e indefinidos pelo aluno de fundamental II, especificamente, do 6º ano.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D.; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: **Referenciação**. CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 131-176.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CÂMARA JR., J. MATTOSO. **Dicionário de Filologia e Gramática**. São Paulo: Iozon, Vozes, 1968.
- GIVÓN, T. **Syntax**: um introduction. V. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Série Debates 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (mimeo.)
- NEVES, M. H. de M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

